

Líderes e Povos

Benjamin Franklin

Autobiografia



EDIÇÕES SÍLABO

LÍDERES E POVOS

1. *As Vidas dos Doze Césares*
Vol. 1 – Júlio César, Octávio César Augusto
Suetónio
2. *As Vidas dos Doze Césares*
Vol. 2 – Tibério, Calígula, Cláudio (a publicar)
Suetónio
3. *As Vidas dos Doze Césares*
Vol. 3 – Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano (a publicar)
Suetónio
4. *A Dinastia de Avis e a Construção da União Ibérica*
David Martelo
5. *Geronimo e os Apaches – Autobiografia do Último Chefe Índio*
Geronimo
6. *O Povo do Nilo – O Egipto dos faraós*
Luzia Seromenho
7. *50 Grandes Discursos da História*
Manuel Robalo, Miguel Mata (selecção e apresentação)
8. *A Guerra dos Judeus – História da Guerra entre Judeus e Romanos*
Flávio Josefo
9. *História da Galiza*
Manuel Recuero Astray, Baudilio Barreiro Mallón
10. *Benjamin Franklin – Autobiografia*
Benjamin Franklin

BENJAMIN FRANKLIN
AUTOBIOGRAFIA

Uma enorme paixão por aprender

BENJAMIN FRANKLIN AUTOBIOGRAFIA

Tradução e notas

PAULO BELCHIOR

Revisão da tradução

RITA CANAS MENDES

A vida e a época de Benjamin Franklin (ensaio)

JORGE PEREIRA

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, **NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA**, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede

www.silabo.pt

A presente tradução foi realizada a partir de:

BENJAMIN, FRANKLIN (1909). *The Autobiography of Benjamin Franklin*. The Harvard Classics. Nova Iorque: Charles W. Elliot Ltd., P. F. Collier & Son Company.

e comparada com:

BENJAMIN, FRANKLIN (1986). *Benjamin Franklin's autobiography*. Nova Iorque: J. A. Leo Menay e P. M. Zall, W. W. Norton & Company Ltd.

e

BENJAMIN, FRANKLIN (1798). *Vie de Benjamin Franklin, Ecrite par Lui-Meme, Suivie de ses Oeuvres Morales, Politiques et Litteraires, dont la plus grande partie n'avoit pas encore ete publiee*. Traduzido do inglês por J. Castera. Paris: F. Buisson.

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA

Título: Benjamin Franklin – Autobiografia

Autor: Benjamin Franklin

Tradução e notas: Paulo Belchior

Revisão da Tradução: Rita Canas Mendes

© da presente tradução: Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: Joseph Duplessis, retrato de Benjamin Franklin, óleo sobre tela (1785)

1.ª Edição – Lisboa, maio de 2017.

Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Depósito Legal: 425393/17

ISBN: 978-972-618-893-3

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Nota introdutória à presente edição 9

Autobiografia

Primeira Parte 13

Segunda Parte 87

Terceira Parte 113

Quarta Parte 189

A vida e a época de Benjamin Franklin 197

Cronologia dos principais acontecimentos na vida
de Benjamin Franklin 211

Nota introdutória à presente edição

Benjamin Franklin foi escritor, tipógrafo, político, inventor, cientista, estadista e diplomata. A sua inteligência, acima da média, aliada a uma curiosidade agudíssima e a uma paixão enorme pelo conhecimento, conjugada com a preocupação de atingir elevados padrões morais, levaram-no das suas origens modestas à riqueza pessoal e a um importante papel na comunidade social onde se inseria. Foi ator nos grandes palcos onde se desenrolaram os acontecimentos que levaram à independência dos Estados Unidos da América, estando a sua assinatura presente nos três documentos que deram origem ao novo país: a Declaração de Independência, o Tratado da independência e a Constituição de 1787 (atualmente ainda em vigor).

Para além das suas invenções e estudos (contribuiu para os estudos oceanográficos com as suas observações da Corrente do Golfo, inventou as lentes bifocais, o para-raios e um fogão para aquecimento que ainda hoje é produzido com o seu nome), teve tempo para se dedicar à música, à filosofia e ao ensino (fundou a Universidade da Pensilvânia e a Sociedade Filosófica Americana com o fim de fomentar a divulgação e a comunicação das descobertas entre os homens da ciência) e, na sua dedicação à causa pública, entre outras iniciativas, esteve envolvido na criação do primeiro hospital daquele que viria a ser o seu futuro país. Foi também presidente da Sociedade Abolicionista da Pensilvânia, tendo enviado ao Congresso dos Estados Unidos uma petição para banir a escravatura. Uma outra característica notável de Benjamin Franklin era o seu respeito e a sua tolerância por todas as confissões religiosas.

Como autor, dedicou-se a muitos temas e géneros, desde a ética filosófica, ao jornalismo, escritos científicos, sátira e autobiografia. Os

provérbios retirados dos seus escritos tornaram-no conhecido e popular em todo o mundo e a sua autobiografia, agora apresentada ao público português, é considerada um clássico do género, tendo sido traduzida em numerosos idiomas em centenas de edições e inspirado milhões de pessoas desejosas de aprenderem os princípios, os valores, as ideias e o modo como Benjamim Franklin resolvia os desafios com que era confrontado e lhe permitiram tornar-se um homem de exceção.

Todos aqueles que procurem exemplos e orientação sobre como alcançar o sucesso e autoaperfeiçoar-se poderão encontrar neste livro conselhos e respostas a algumas das suas questões. Aqueles que pretendam envolver-se em projetos colaborativos e melhorar as suas comunidades também encontrarão aqui o exemplo inspirador e motivacional para os seus empreendimentos. Os amantes de boa literatura não deixarão de ser cativados pelo estilo elegante e despretensioso do autor desta autobiografia.

Para os leitores interessados em aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos sobre Benjamim Franklin e o seu tempo, esta edição inclui no final um pequeno ensaio sobre o autor e a sua época, bem como uma tabela cronológica dos principais acontecimentos da sua vida.

Boa leitura.

O Editor

Autobiografia

Benjamin Franklin

Primeira Parte

Twyford,¹ casa do Bispo de St. Asaph, 1771.

Querido filho,²

Sempre gostei de conhecer pequenas histórias acerca dos meus antepassados. Talvez te recordes das perguntas que eu fazia aos meus familiares – enfim, àqueles que ainda me restavam – quando estavas comigo em Inglaterra, e da viagem que fiz com esse propósito. Por isso, pensando que te seria igualmente agradável conheceres as circunstâncias da *minha* vida, muitas das quais te são ainda desconhecidas, e na expectativa de uma semana de lazer ininterrupto no meu atual retiro de campo, vou sentar-me e pô-las por escrito para ti. Tenho, aliás, outros motivos para o fazer. Tendo conseguido passar do estado de pobreza e de obscuridade, em que nasci e cresci, para um estado de riqueza e de alguma reputação neste mundo, e usufruído até hoje de uma vida com uma considerável parcela de felicidade, talvez os meus descendentes queiram conhecer os meios que utilizei para a conduzir, os quais, com a bênção de Deus, foram muito bem-sucedidos, e talvez sintam que lhes possam servir de algum proveito e sejam, como tal, bons exemplos para serem seguidos. Essa felicidade, sempre que medito sobre ela, tem-me levado por vezes a afirmar que, já que me foi proporcionada, então não deveria pôr nenhuma objeção a uma repetição dessa mesma vida desde o seu início, solicitando apenas as vantagens que os autores têm numa segunda edição de corrigir as falhas da primeira. Gostaria também, se o pudesse fazer, de substituir alguns incidentes e acontecimentos infelizes por outros mais favoráveis; mas, mesmo que isso me fosse recusado, não deixaria de aceitar a oferta. No entanto, e uma vez que não podemos esperar tal repetição, a coisa que mais se aproxima de vivermos de novo a nossa vida parece ser uma *recordação* dessa vida, e tornar essa recordação o mais duradoura possível, passando-a ao papel. Poderei também, por este meio, satisfazer a inclinação, tão natural nas pessoas de idade, de falarem de si próprias e das ações que praticaram no passado, e tentarei satisfazê-la sem ser cansativo para aqueles que, por respeito à idade, possam sentir-se obrigados a prestar-me atenção, pois poderá ser lida ou não, consoante

(1) Pequena aldeia a oitenta quilómetros a sul de Londres, onde BF passou as férias e escreveu a primeira parte da sua *Autobiografia*. (N. do T.)

(2) William Franklin tinha, em 1771, quarenta anos e era governador de Nova Jérсия. (N. do T.)

a vontade de cada um. E, por último (devo também confessá-lo, pois ninguém acreditará se o negar), satisfarei em grande medida a minha própria *vaidade*. De todas as vezes que ouvi pronunciar ou li as palavras iniciais «Poderia afirmar, sem vaidade, etc.», seguia-se de imediato alguma tirada vaidosa. A maioria das pessoas não tolera a vaidade nos outros, independentemente daquela que elas próprias possam ter; mas, por mim, aceito-a de bom grado sempre que deparo com ela, pois estou persuadido de que será útil a quem a possui e a quem está na esfera de ação dessa pessoa. Por conseguinte, não seria de todo absurdo que, em muitas circunstâncias, um homem desse graças a Deus pela sua vaidade, entre os outros prazeres da vida.

E já que falo em agradecer a Deus, quero, com toda a humildade, manifestar aqui o reconhecimento da minha dívida, pela referida felicidade da minha vida passada, à sua bondosa Providência; foi ela que me forneceu os meios que utilizei e assegurou o seu sucesso. A minha crença neste facto, embora não possa *presumi-lo*, dá-me *esperança* de que a mesma Bondade continue a favorecer-me, dando continuidade a essa felicidade até ao fim da minha vida, ou dando-me forças para suportar os reveses funestos que poderei sofrer, como já aconteceu com tantos outros. A sorte que me está reservada só é conhecida por aquele que tem nas suas mãos o nosso destino, e cujo poder até pode tornar benéficas as nossas aflições.

As notas que um dos meus tios (que, como eu, também tinha a mesma curiosidade em recolher histórias da família) me colocou em tempos nas mãos forneceram-me vários pormenores sobre os nossos antepassados. Foi por elas que soube que a família vivera na mesma aldeia, Ecton, em Northamptonshire, durante trezentos anos – se por mais tempo, ele já não o sabia –, numa propriedade com cerca de trinta acres. Provavelmente já lá estariam desde a época em que cada família, por todo o reino, escolheu um apelido e em que a nossa escolheu o de *Franklin*, que fora inicialmente a denominação de uma certa classe de pessoas. O pequeno domínio que pertenceu aos nossos antepassados não era suficiente para a sua subsistência sem a ajuda do ofício de ferreiro, que se perpetuou entre eles e foi constantemente exercido pelo primogénito da família até ao tempo do meu tio; um costume que ele e o meu pai seguiram também em relação aos seus filhos mais velhos. Quando pesquisei o registo de Ecton, encontrei uma relação dos seus

nascimentos, casamentos e funerais apenas a partir do ano de 1555, não existindo nessa paróquia nenhum registo anterior. Com esse registo, apercebi-me de que era o filho mais novo do filho mais novo, recuando cinco gerações. O meu avô Thomas, que nasceu em 1598, viveu em Ecton até à velhice e, quando deixou de conseguir continuar com o negócio, foi viver com o seu filho John, um tintureiro de Banbury, no Oxfordshire, com quem o meu pai trabalhou como aprendiz. Foi aí que o meu avô faleceu e foi sepultado. Vimos o seu túmulo em 1758. O seu filho mais velho viveu na casa de Ecton e deixou-a, com a terra, ao seu único rebento, uma filha, que, com o seu marido, um Fisher de Wellingborough, a vendeu ao Sr. Isted, hoje senhor daquela herdade.

O meu avô teve quatro filhos, que lhe sobreviveram, a saber: Thomas, John, Benjamin e Josiah. Dir-te-ei o que puder deles, embora não tenha os meus apontamentos comigo, e, se estes não se tiverem perdido durante a minha ausência, aí encontrarás muitos outros pormenores. A Thomas, o pai ensinou-lhe o ofício de ferreiro; mas, como era engenhoso e foi estimulado a aprender (como sucedeu a todos os seus irmãos) por um fidalgo, o Sr. Palmer, à data o principal cavaleiro daquela paróquia, qualificou-se para o ofício de escrivão, tornando-se um dos notáveis da região; estava sempre pronto para encabeçar qualquer ação comunitária no condado ou na cidade de Northampton e na sua própria aldeia. Referiram-nos muitos exemplos quando estivemos em Ecton, onde atraiu a atenção de *lord* Halifax, que o apadrinhou. Faleceu a 6 de janeiro de 1702, pelo velho estilo,¹ a quatro anos apenas da véspera do meu nascimento. Recordo-me de que a descrição que algumas pessoas de idade de Ecton nos fizeram acerca da sua vida e do seu caráter te impressionou extraordinariamente, pela semelhança que encontraste entre esses pormenores e o que conhecias de mim. «Tivesse ele falecido no mesmo dia», disseste tu, «e poderíamos acreditar na transmigração das almas.»

John foi formado para ser tintureiro, penso que de lãs. Benjamin recebeu instrução para tintureiro de seda, servindo como aprendiz em Londres. Era um homem engenhoso. Lembro-me bem dele, pois quando

(1) A Inglaterra usou o calendário juliano até setembro de 1752. Quando foi adotado o calendário gregoriano, os ingleses tiveram que saltar onze dias (de 3 a 13 de setembro de 1752). O aniversário de BF é calculado em 6 de janeiro de 1705/6, pelo «velho estilo» ou 17 de janeiro de 1706, pelo «novo estilo». (N. do T.)

era rapaz veio ter com o meu pai a Boston e viveu alguns anos conosco lá em casa. Viveu até uma idade muito avançada. O seu neto, Samuel Franklin, vive atualmente em Boston. Deixou-nos dois volumes in-quarto, manuscritos, da sua própria poesia, que consistiam em pequenas peças ocasionais dedicadas aos seus amigos e parentes, de entre as quais a seguinte, que me foi enviada, é um exemplar¹ Criou uma estenografia² própria, que me ensinou, mas, como nunca a pratiquei, acabei por esquecê-la. Deram-me o meu nome por causa deste tio, pois existia uma afeição especial entre ele e o meu pai. Era um homem muito piedoso, gostava muito de assistir aos sermões dos melhores pregadores, que anotava com a sua estenografia, e dos quais já possuía

(1) Enviada em meu nome, junto com uma descrição acerca da sua inclinação para os assuntos militares:

7 de julho de 1710

*«Beleeve me Ben. It is a Dangerous Trade
The Sword has Many Marr'd as well as Made
By it doe many fall Not Many Rise
Makes Many poor few rich and fewer Wise
Fills Towns with Ruin, fields with blood beside
Tis Sloths Maintainer, And the shield of pride
Fair Citties Rich to Day, in plenty flow
War fills with want, Tomorrow, & with woe
Ruin'd Estates, The Nurse of Vice, broke limbs & scars
Are the Effects of desolating Warrs»*

15 de julho de 1710

*«B e to thy parents an Obedient Son
E ach Day let Duty constantly be Done
N ever give Way to sloth or lust or pride
I ffree you'd be from Thousand Ills beside
A bove all Ills be sure Avoide the shelfe
M ans Danger lyes in Satan sin and selfe
I n vertue Learning Wisdome progress Make
N ere Shrink at Suffering for thy saviours sake

F raud and all Falshood in thy Dealings Flee
R eligious Always in thy station be
A dore the Maker of thy Inward part
N ow's the Accepted time, Give him thy Heart
K eep a Good Conscience 'tis a constant Frind
L ike Judge and Witness This Thy Acts Attend
I n Heart with bended knee Alone Adore
N one but the Three in One Forevermore»*

[Nota de BF]

(2) Escrita abreviada, de modo a acompanhar com a escrita a pessoa que fala. (N. do T.)

muitos volumes. Também tinha muito de político; demais, até, para o seu estrato social. Encontrei recentemente em Londres uma coleção que ele reunira com todos os principais panfletos relativos a assuntos públicos entre 1641 e 1717; faltam vários volumes, como podemos verificar pela série de números, mas ainda existem oito in-fólio e vinte e quatro in-quarto e in-octavo. Um alfarrabista deu com eles e, conhecendo-me, por já me ter vendido alguns livros, trouxe-mos. Parece que o meu tio os deixou cá quando partiu para a América, há cerca de cinquenta anos. Encontrei um grande número de notas nas margens, escritas pela sua mão.

A nossa humilde família adotou desde cedo a Reforma e continuou protestante ao longo do reinado da Rainha Maria, correndo por vezes o perigo de ser perseguida devido ao seu zelo contra o papismo. Tinham uma Bíblia inglesa e, para a esconder e guardar, cuidavam de a manter aberta, com fitas que cobriam as folhas, debaixo do tampo de um banquinho. Quando o meu trisavô a queria ler aos filhos, invertia o banco sobre os seus joelhos e fazia passar as folhas de uma fita para a outra. Uma das crianças fazia de sentinela à porta, a fim de avisar da aproximação do beleguim, isto é, do oficial do tribunal eclesiástico. Nesse caso, o banquinho era invertido de novo e posto de pé, permanecendo a Bíblia escondida por baixo, como dantes. Foi o meu tio Benjamin que me contou esta história. A família continuou sempre a pertencer à Igreja de Inglaterra até ao final do reinado de Carlos II. Quando alguns ministros foram denunciados como não-conformistas, por terem organizado uns conventículos¹ em Northamptonshire, Benjamin e Josiah juntaram-se a eles e nunca mais se afastaram da sua crença. O resto da família permaneceu com a Igreja Episcopal.

O meu pai, Josiah, casou novo e levou a mulher e os três filhos para Nova Inglaterra, por volta de 1682. Como os conventículos haviam sido proibidos por lei e eram amiúde perturbados, alguns notáveis seus conhecidos decidiram mudar-se para essa colônia, na esperança de poderem praticar a sua religião em liberdade, e convenceram-no a acompanhá-los. O meu pai ainda teve mais quatro filhos da sua primeira mulher, nascidos na América. E em seguida, de uma segunda mulher, outros dez, o que faz ao todo dezassete; destes, lembro-me de ter visto

(1) Encontros de culto de dissidentes da igreja estabelecida, proibidos em 1664. (N. do T.)

treze uma vez, sentados à sua mesa, e todos cresceram até se tornarem homens e mulheres, e casarem; eu era o mais novo dos rapazes e o terceiro mais novo da família. Nasci em Boston, Nova Inglaterra.

A minha mãe, a segunda mulher, era Abiah Folger, filha de Pierre Folger, um dos primeiros colonos de Nova Inglaterra, a quem Cotton Mather, na sua história eclesiástica dessa província (intitulada *Magnalia Christi America*), faz uma menção honrosa como sendo um *inglês devoto e sábio*, se bem me recordo das suas palavras. Ouvi dizer que o pai da minha mãe escreveu diversas peças pequenas, mas só uma delas, que vi há vários anos, foi impressa. Foi escrita em 1675, em versos simples, segundo o gosto da época e das pessoas, e era dirigida àqueles que então governavam. Apelava à liberdade de consciência e era favorável aos anabatistas, aos quacres¹ e a outras seitas que haviam sofrido perseguição. Era a esta perseguição que ele atribuía as guerras com os Índios e as outras calamidades que afligiam a região, olhando-as como um resultado dos julgamentos de Deus, como punição a tão odiosa ofensa, e exortava o governo a abolir essas leis contrárias à caridade. Sobressaía de toda a peça uma simplicidade agradável e uma liberdade vigorosa. Recordo-me dos seis últimos versos, embora me tenha esquecido dos dois primeiros da estrofe; mas o sentido era o de que as censuras do autor eram feitas com *boa intenção*, e que, portanto, reconhecê-lo-iam como sendo o autor.

«Odeio de todo o coração (diz ele)
A dissimulação;
De Shelburn² onde agora habito,
Assino aqui o meu nome;
Do vosso amigo, que vos quer bem,
Peter Folgier.»³

(1) Os quacres, ou *quackers*, (originalmente um nome depreciativo) são membros da Sociedade Religiosa dos Amigos. (N. do T.)

(2) Na Ilha de Nantucket. [Nota de BF.]

(3) No original:

«because to be a Libeller, (says he)
I hate it with my Heart.
From Sherburne Town where now I dwell,
My Name I do put here,
Without Offence, your real Friend,
It is Peter Folgier.» (N. do T.)

BENJAMIN FRANKLIN [1706-1790] foi escritor, tipógrafo, político, inventor, cientista, estadista e diplomata e um dos líderes da revolução americana. A sua inteligência, acima da média, aliada a uma curiosidade agudíssima e a uma paixão enorme pelo conhecimento, conjugada com a preocupação de atingir elevados padrões morais, levaram-no das suas origens modestas à riqueza pessoal e a um importante papel na comunidade social onde se inseria. Foi ator nos grandes palcos onde se desenrolaram os acontecimentos que levaram à independência dos Estados Unidos da América, estando a sua assinatura presente nos três documentos que deram origem ao novo país: a Declaração de Independência, o Tratado da Independência e a Constituição de 1787 (atualmente ainda em vigor).

Para além das suas invenções e estudos, teve tempo para se dedicar à música, à filosofia e ao ensino. Como autor, dedicou-se a muitos temas e géneros, desde a ética filosófica, ao jornalismo, aos escritos científicos e à sátira. Esta autobiografia, agora apresentada ao público português, é considerada um clássico do género, e foi traduzida em numerosos idiomas em centenas de edições, tendo inspirado milhões de pessoas desejosas de aprenderem os princípios, os valores, as ideias e o modo como Benjamin Franklin resolvia os desafios com que era confrontado e lhe permitiram tornar-se um homem de exceção.

Todos aqueles que procurem exemplos e orientação sobre como alcançar o sucesso e autoaperfeiçoar-se poderão encontrar neste livro conselhos e respostas a algumas das suas questões. Aquelles que pretendam envolver-se em projetos colaborativos e melhorar as suas comunidades encontrarão aqui o exemplo inspirador e motivacional para os seus empreendimentos. Os amantes de boa literatura não deixarão de ser cativados pelo estilo elegante e desprezioso do autor desta autobiografia.

De modo a que os leitores interessados possam aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos sobre Benjamin Franklin e o seu tempo, esta edição inclui no final um pequeno ensaio sobre o autor e a sua época, bem como uma cronologia dos principais acontecimentos da sua vida.

Líderes e Povos

A vida daqueles que se destacaram no contexto histórico do seu tempo, que conquistaram a imortalidade e moldaram o mundo onde vivemos. Na guerra e na paz, os seus sucessos e infortúnios, as suas visões e ideais.

O nascimento, a evolução, o apogeu e o crepúsculo dos povos, estados e nações que compõem a humanidade.

Com rigor e qualidade, esta coleção oferece ao leitor valiosos instrumentos de compreensão, interpretação e reflexão acerca da diversidade cultural do ser humano através do acesso à grande herança do passado.



551



EDIÇÕES SÍLABO